

Brasil, o cliente que toma empréstimo e não usa

O Brasil é o terceiro maior tomador de empréstimos do Banco Mundial (BID), já foi o maior e hoje se destaca principalmente por uma esquisitice. No ano passado, pagou ao banco US\$ 1,01 bilhão e dele recebeu US\$ 881 milhões. Fatos parecidos ocorreram várias vezes nos últimos 10 anos. Várias vezes, também, o governo federal anunciou a intenção de resolver o problema. Que o País pague mais do que os desembolsos recebidos pode parecer espantoso, quando se trata das relações com uma agência multilateral de desenvolvimento. Pode parecer um pouco menos estranho, porém, quando se sabe o nome do país. Quando se pensa em como têm estado a administração e as finanças do governo, tudo ganha uma aparência de quase normalidade.

Seria natural, para um país como o Brasil, recorrer ao Bird para financiar investimentos em estradas, energia, telecomunicações, saneamento e formação de capital humano. Há carência de todos esses itens. Há recursos disponíveis para em-

préstimos importantes e as taxas, em geral, são muito melhores que as do mercado. Esses empréstimos, porém, normalmente implicam o compromisso de contrapartida. Em geral, o País beneficiário tem de entrar com cerca de 50% dos recursos necessários, soma igual, portanto, à recebida como financiamento. Mas tem faltado, há muito tempo, dinheiro suficiente para a contrapartida. Isso cria duas limitações. Se o governo não puder comprometer a verba necessária, não tomará o empréstimo. Se o financiamento for contratado e a parte nacional não for desembolsada, a parcela do Bird não será liberada.

O Brasil paga, além de multa, juros de 0,25% ao ano sobre empréstimos contratados e não desembolsados. Há um saldo de uns US\$ 4,5 bilhões de créditos parados nessas condições. De vez em quando, alguém tem um ataque de bom senso e cancela um projeto, quando faltam condições para execução. Isso poupa dinheiro, simplifica as relações com o banco e melhora a administração.

De tempos em tempos, alguém fala sobre a importância pôr em ordem os compromissos com o Bird. Anteontem, depois de uma visita do novo presidente do banco, James Wolfensohn, prometeu-se em Brasília, de novo, uma reavaliação de projetos.

Wolfensohn esteve com o presidente da República, ministros da Educação e da Fazenda e funcionários do Itamaraty e do Ministério do Planejamento. Chegou-se a discutir uma retomada de empréstimos em níveis como os dos anos 80, quando houve operações entre US\$ 1,4 bilhão e US\$ 1,8 bilhão.

A revisão dos financiamentos contratados é imprescindível como primeiro passo. É necessário, como começo, reavaliar todos os compromissos e eliminar uma parte deles. Mas é preciso, também, dar prioridade a projetos iniciados e não concluídos. Quanto mais longa a execução, maior o custo e maior o entulho nas relações com o Bird. Não se requer muita criatividade financeira, nesse caso. Basta um pouco de bom senso gerencial.